Dia 25 — Santiago, Apóstolo, chamado o Maior

Santiago, cuja memória celebra hoje a santa Igreja, chama-se o Maior porque foi chamado ao apostolado antes que o outro Santiago, bispo de Jerusalém, filho de Alfeu, que por esta mesma razão se chama o Menor e cuja festa se celebra no dia primeiro de maio.

Nosso Santiago, o Maior, foi filho de Zebedeu e de Maria Salomé, irmã mais velha de São João Evangelista . Nasceu em Betsaida, cidade da Galileia, a duas léguas curtas de Cafarnaum, situada sobre a margem setentrional do lago de Genesaré, chamado também o mar de Tiberíades. Crê-se que tinha dez ou doze anos mais que o Salvador do mundo, e seu irmão João, seis anos menos. Viviam com seu pai em Betsaida, pátria de ambos, como também de São Pedro, de São Filipe e de Santo André. Eram de ofício pescadores, embora Orígenes chame barqueiros a Santiago e a São João, porque tinham um barco ou uma barca própria em que pescavam sob as ordens de seu pai; mas São Pedro e Santo André são chamados simplesmente pescadores, porque, não tendo barca nem barco próprio, pescavam a jornal para o patrão de alguma lancha.

Sua mãe Salomé, uma das primeiras mulheres que seguiram a Cristo, era muito piedosa e por isso era também virtuosa toda a sua família, a qual não deixava de distinguir-se por sua virtude, apesar de sua humilde condição. Santo Epifânio é de parecer que Santiago era discípulo de São João Batista e que foi aquele a quem seu mestre enviou com a embaixada ao Salvador. Seja disto o que for, é certo que, logo que o Filho de Deus começou a pregar, Santiago e São João foram os que mais pressa se deram em ouvi-lo, embora não o seguissem até alguns meses depois.

Estavam um dia os dois irmãos no barco com seu pai, e todos estavam muito tristes porque, tendo trabalhado toda a noite, nada haviam pescado, quando chegou o Senhor à margem do lago acompanhado de uma imensa multidão de gente que o seguia. Para livrar-se da opressão, meteu-se no barco onde estava Pedro e, mandando-o passar adiante até o alto-mar, disse-lhe que lançasse as redes com toda a confiança. Caiu tanta pesca que se rompiam as redes, e chamaram em seu socorro os que estavam no barco mais imediato. Eram estes Santiago e João, com os quais pescavam sob suas ordens. Acudiram logo, e encheram-se tanto os dois barcos que faltou pouco para que ambos fossem ao fundo. Atônitos deste prodígio, levaram os barcos à terra e resolveram deixar tudo para seguir a Jesus Cristo, como com efeito o executaram muito cedo.

Caminhava um dia o Salvador pela margem do lago de Genesaré e, chamando a Pedro e a André, mandou-lhes que o seguissem. Um pouco mais adiante viu Santiago e João dentro do barco com seu pai Zebedeu, os quais todos estavam consertando as redes; disse-lhes o mesmo que a Pedro e a André, e os dois irmãos o seguiram com tanta prontidão que ganharam o coração do Senhor. Sem deter-se um momento, deixaram as redes, o barco, os companheiros que ganhavam a vida

com eles e a seu mesmo pai: obediência pronta e generosa que, junta a tão perfeito desapego, contribuiu não pouco ao particular amor que em todas as ocasiões mostrou Cristo depois aos dois irmãos.

Desde logo conheceram todos que Santiago era um dos discípulos mais favorecidos. Poucos milagres fez o Salvador de que ele não fosse testemunha. Achou-se presente quando curou a sogra de São Pedro. Na ressurreição da filha de Jairo, príncipe da sinagoga, também quis o Filho de Deus que o acompanhassem São Pedro, Santiago e São João, três discípulos particularmente amados seus, a quem por todo o decurso de sua vida distinguiu com singulares demonstrações de amor e de ternura.

Foi muito especial a que lhes manifestou no Tabor, chamando-os para testemunhas de sua gloriosa transfiguração. Esta eleição, para mostrar-lhes uma parte de sua glória, foi a maior distinção que lhes havia feito desde que estavam em sua divina escola. À vista de tão repetidos testemunhos da preferência que lograva em seus carinhos o Senhor, alentaram-se eles e sua mãe a uma pretensão que não os acreditava de muito perfeitos, manifestando bem que até a vinda do Espírito Santo não formaram conceito adequado e justo das verdades e das máximas espirituais da religião. Acabava de dizer-lhes o Salvador que os doze apóstolos se haviam de sentar em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel; mas não lhes havia expressado quais haviam de estar mais perto de sua pessoa. Não ignorando a mãe de Santiago e de São João o particular carinho que mostrava sempre a seus dois filhos, creu que lhe podia pedir com toda a confiança os dois primeiros tronos para eles. Apresentou-se, pois, diante do Senhor a boa mulher em meio dos dois filhos e, adorando-o com toda a reverência, disse-lhe que tinha que lhe pedir uma graça. Havida licença, acrescentou: «Senhor, todos três vos fazemos uma mesma petição; isto é, que, quando estiverdes em vosso reino, disponhais que um de meus filhos se sente à vossa mão direita e o outro à esquerda.» Não contestou o Salvador diretamente à mãe, sabendo muito bem que falava em nome de seus filhos e, assim, dirigindo a estes a palavra sem repreender-lhes a ambição, contentou-se com instruí-los, dando-lhes nesta ocasião aquela admirável lição de humildade, que é o fundamento do verdadeiro mérito, e assegurando-lhes que, se queriam ser os maiores no reino dos céus, era preciso que bebessem primeiro seu cálice e que se fizessem pequenos e humildes neste mundo.

Embora o zelo dos dois irmãos não fosse ainda o mais puro nem o mais regrado, nem por isso era menos ardente nem menos terno o amor que professavam a Jesus Cristo. Cerca de seis meses antes da paixão, caminhando pela Galileia para a Judeia, quis entrar num povoado da Samaria, cujos habitantes lhe fecharam as portas por saber que ia a Jerusalém, o que não podiam tolerar os samaritanos depois do cisma. Irritados Santiago e São João à vista do desaire que se fazia a seu Mestre, disseram-lhe que, se lhes desse licença, fariam baixar fogo do céu para exterminar aqueles insolentes. Reprimiu o Salvador seu demasiado ardimento, ensinando-lhes que o espírito do Evangelho que lhes anunciava não era de rigor como o da lei de Moisés, mas espírito de doçura e de caridade; e ainda se crê que, quando deu aos dois irmãos o nome de Boanerges, que quer dizer *filhos do trovão*, aludia ao ardor e à fogosidade de seu impetuoso zelo.

Grande foi sem dúvida o favor que fez o Senhor a Santiago em escolhê-lo para testemunha das glórias do Tabor; mas não foi menor o que lhe dispensou levando-o também para que o fosse nas agonias do horto. Foi este bem-aventurado apóstolo um dos três que acompanharam o Salvador no

horto das Oliveiras para servir-lhe, digamo-lo assim, de consolo naquela mortal tristeza, querendo o Senhor fazer com ele esta nova demonstração de sua ternura até o dia antes de sua morte; mas de maior consolo foram as que fez depois de sua gloriosa ressurreição. Achou-se presente Santiago a todas as suas frequentes aparições, tendo parte nas instruções e nas provas de bondade que deu o Salvador a seus discípulos.

Depois que os apóstolos receberam o Espírito Santo, nenhuma coisa foi capaz de conter o zelo de Santiago. Percorria as cidades, vilas e aldeias da Judeia para anunciar a seus irmãos a fé de Jesus Cristo. É constante e muito autorizada tradição de todas as igrejas da Espanha que Santiago foi seu primeiro apóstolo e que, antes que os apóstolos se separassem para anunciar o Evangelho em todo o universo, vendo que depois da morte de Santo Estêvão não se podia pregar Jesus Cristo na Judeia, Santiago se embarcou, passou os mares e levou à Espanha as primeiras luzes da fé. Venera-se ainda em Saragoça o sagrado pilar sobre o qual crê a devota piedade, muito fundadamente, que lhe apareceu a Santíssima Virgem, estando ainda em vida mortal esta Senhora, e lhe mandou construir naquele mesmo sítio uma capela dedicada a seu santo nome, assegurando-lhe que tomava desde logo sob seu especial patrocínio uma nação que até o fim dos séculos havia de ser muito devota sua. Depois voltou Santiago à Judeia, onde trabalhou com extraordinário zelo em anunciar a fé de Jesus Cristo. Por sua eloquência, por seu valor, pela força de suas razões e pela milagrosa moção que acompanhava seus discursos, confirmado, sustentado e autorizado tudo com grande número de milagres, fez grandes conversões.

Alvoroçou-se toda a nação à vista de tantas maravilhas e amotinou-se furiosamente contra Santiago. Fizeram os judeus tudo o que puderam para perdê-lo. Valeram-se de dois famosos magos, Fileto e Hermógenes, que prometeram convencê-lo e desacreditá-lo diante de todo o povo com seus artifícios; mas sucedeu todo o contrário: logo que o santo falou, converteu-se Fileto, e Hermógenes ficou convencido do nenhum poder de seus encantos e da maravilhosa virtude do apóstolo.

Mas os judeus principais nem por isso depuseram seu encono nem sua animosidade. Um dia em que falava ao povo com grande força acerca da divindade de Jesus Cristo, provando-a com o cumprimento das profecias, lançaram mão dele e, depois de tê-lo maltratado, levaram-no a Herodes Agripa, rei da Judeia, neto do que fez morrer os inocentes e sobrinho do outro Herodes Antipas, tetrarca da Galileia, que tirou a vida a São João Batista.

Era Agripa pouco grato aos judeus, e havia tempo que solicitava ocasião de dar-lhes algum gosto para congraçar-se com eles. Pareceu-lhe que não podia lograr outra mais oportuna que a de sacrificar a seu ódio aquele que consideravam como cabeça da religião cristã e por um dos mais zelosos discípulos de Jesus Cristo. Sem outras provas, instruiu-lhe a causa e sentenciou-o a que lhe cortassem a cabeça. São Clemente de Alexandria, que floresceu no fim do segundo século, assegura que o judeu que o prendeu, vendo a generosidade com que confessava a Jesus Cristo, sentiu-se tão movido que confessou que era também cristão, e que por esta confissão foi condenado ao mesmo suplício. Quando os conduziam ao lugar destinado para a execução, o novo confessor de Jesus Cristo arrojou-se aos pés do santo apóstolo e pediu-lhe perdão. Abraçou-o Santiago ternamente e disse-lhe: «A paz seja contigo»; de onde se diz que teve princípio a cerimônia que usa a Igreja no santo sacrifício da missa, valendo-se das mesmas palavras para dar

a paz ao povo antes da comunhão. Chegados ao lugar do suplício, Santiago fez oração, dando graças ao Senhor pela honra que lhe fazia de que derramasse seu sangue pela glória de seu nome e de que fosse o primeiro apóstolo que padecesse o martírio por seu santo amor. Sucedeu no ano 44 de Jesus Cristo, perto do tempo da Páscoa, e foi degolado em companhia do outro que entrou a parte na mesma coroa. Afirma Santo Epifânio que Santiago foi perpetuamente virgem como seu irmão São João e que por esta razão mereceram os dois o singular amor que o Salvador lhes professou.

Depois da morte do apóstolo, que sucedeu em Jerusalém, os cristãos enterraram seu corpo na mesma cidade, onde se assegura que esteve pouco tempo; e crê-se que os discípulos que o foram seguindo desde a Espanha retiraram o santo corpo e, embarcando-se com ele, aportaram a Iria Flávia, hoje Padrón, povoado da Galiza, onde esteve oculto aquele precioso tesouro todo o tempo que durou a inundação dos bárbaros até o princípio do nono século. Então se descobriram milagrosamente as santas relíquias no tempo de Dom Afonso, o Casto, rei de Leão, aliado de Carlos Magno. Aquele piedoso monarca as fez trasladar a Compostela; e, para autorizar mais um lugar que já era célebre no universo pela devoção e concurso dos fiéis, o papa Leão III trasladou a sede episcopal de Iria a Compostela, aonde continua a concorrência de peregrinos e estrangeiros de todo o mundo cristão depois de oitocentos anos, publicando o muito que pode com Deus o santo apóstolo; de maneira que, depois da peregrinação a Jerusalém e a Roma, não há outra mais solene em toda a cristandade.

Gloriam-se algumas igrejas da França de possuir alguma parte das relíquias de nosso grande apóstolo, e até alguma pretende ser depositária de seu sagrado corpo; mas os mesmos franceses desprezam esta pretensão, acreditando-o com os inumeráveis peregrinos que de toda aquela nação, mais que de outra alguma, concorrem cada ano em tropel a Compostela. Não cabem no algarismo as singulares graças que a Espanha tem recebido sempre deste grande santo. Sobretudo reconhece dever-lhe as vitórias mais assinaladas que tem conseguido dos inimigos da religião; e, depois de Deus, recorre continuamente a sua proteção em todas as calamidades públicas.

Em Jerusalém, a trezentos passos da porta de Sião, há uma igreja dedicada a Santiago, sendo uma das mais formosas e mais capazes daquela santa cidade. A cúpula que está no meio se eleva e se sustenta sobre quatro grandes pilares, rasgada na parte superior com dilatadas claraboias, à maneira da do santo sepulcro, que a enchem de extraordinária claridade. Veem-se de frente, para a parte oriental, três magníficos altares, seguidos uns de outros; e à mão esquerda, ao entrar pela nave, há uma capelinha no mesmo sítio onde se crê que foi degolado o apóstolo por mandado de Herodes, porque antigamente era a praça do mercado. Pertence esta igreja aos armênios, que têm ali um mosteiro com um bispo e com doze ou quinze monges para celebrar os divinos ofícios. Diz-se que, assim a igreja como o mosteiro, são fundação dos reis da Espanha para hospedar os peregrinos espanhóis. Há na Espanha a ordem militar de Santiago, fundada pelo rei Dom Fernando II no ano de 1175. Chama-se por sua excelência a Nobre e disputa a antiguidade com a de Calatrava: tem três grandes priorados, o de Castela, o de Leão e o de Montalbán, com outras oitenta e cinco comendas; e o rei é o grão-mestre da ordem.

Martirológio Romano

A festa de Santiago, apóstolo, irmão de São João Evangelista, que foi decapitado por Herodes Agripa perto da festa da Páscoa. Suas preciosas relíquias, levadas de Jerusalém à Espanha e depositadas em Compostela, a dez léguas do mar, no reino da Galiza, são veneradas pelos moradores devotos com celebridade e pelos muitos peregrinos cristãos que iam lá piedosos a cumprir seus votos.

Na Lícia, São Cristóvão, mártir, o qual, tendo sido, sob o imperador Décio, acardenalado com varas de ferro e livrado pelo poder de Jesus Cristo da violência das chamas, foi por fim asseteado e, decapitado, consumou assim seu martírio.

Em Barcelona, na Espanha, São Cucufate, mártir, que, durante a perseguição de Diocleciano, sob o presidente Daciano, tendo sofrido muitos tormentos, foi passado a cutelo, indo assim vitorioso ao céu.

Na Palestina, São Paulo, mártir, que na perseguição de Maximiano Galério, sob o presidente Firmiliano, foi condenado a perder a cabeça. Tendo conseguido alguns instantes para orar, rogou a Deus de todo o coração, primeiro por seus patrícios, depois pelos judeus e pelos pagãos, para que viessem ao conhecimento da verdade; depois por quantos o rodeavam e, enfim, pelo juiz que o havia condenado e pelo verdugo que ia justiçá-lo. Logo este lhe cortou a cabeça, e ficou nosso santo coroado com o martírio.

No mesmo lugar, Santa Valentina, virgem, que, levada ao altar para imolar aos ídolos e tendo-os derribado com o pé, foi cruelmente atormentada e depois, tendo sido arrojada ao fogo com outra virgem companheira sua, voou para seu celestial esposo.

Em Forcona, no Abruzzo Ulterior, São Florente e São Félix, mártires, naturais de Siponto.

Em Córdova, São Teodomiro, monge e mártir.

Em Tréveris, São Magnerico, bispo e confessor.

No país Mulciano, num povoado da diocese de Meaux, que chamavam Cubtas, no reino da França, o falecimento de São Urso, bispo de Troyes.

No mesmo dia, São Evrólio, abade de São Fusciano do Bosque, perto de Amiens.

Em Metz, Santa Glosina, virgem, abadessa.

Neste mesmo dia, o natalício de Santa Ana.

Nos confins do Egito e da Etiópia, São Óbolo e seus companheiros, até o número de duzentos e sessenta mártires.

Em Constantinopla, o natalício de Santa Olímpia, virgem e viúva.

Na Tebaida, a morte de Santa Eufrásia, religiosa, virgem de Constantinopla.

Em Milão, São Lourenço, bispo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Esto, Domine, plebi tuæ sanctificator et custos: ut beati Jacobi apostoli tui munita præsidiis, et conversatione tibi placeat, et secura mente deserviat. Per Dominum nostrum...*

Português: Santificai, Senhor, e guardai vosso povo, para que, amparado da proteção do bem-aventurado Santiago, vosso apóstolo, vos agrade com o arranjo de sua vida e vos sirva com tranquilidade de espírito. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira aos Coríntios.

1 Coríntios 4,9-15

> **Latim:** 9 Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et hominibus. 10 Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. 11 Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, 12 et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : 13 blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. 14 Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios meos carissimos moneo. 15 Nam si decem millia pædagogorum habeatis in Christo, sed non multos patres. Nam in Christo Jesu per Evangelium ego vos genui.

Português: [9] Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. [10] Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. [11] Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, [12] e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: [13] somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. [14] Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo. [15] Porque ainda que tenhais dez mil aios em Christo, não tericis to- davia muitos pais. Pois eu sou o que vos gerei em Jesu Christo pelo evangelho.

Nota

«Tendo notícia São Paulo de que o espírito de vaidade, de zelos, de parcialidade e de divisão se havia apoderado dos coríntios, escreveu-lhes esta admirável epístola, que não bastou para curá-los destes achaques, porque, escrevendo-lhes alguns anos depois o papa São Clemente, ainda os repreende por sua vaidade, por seu orgulho, por suas disputas, por seus pleitos, por suas divisões e por seu gênio cismático.»

Reflexões

Aonde se foi aquele primitivo espírito que animava os apóstolos e os primeiros fiéis? Aquele espírito de humildade que lhes inspirava tão baixo conceito de si mesmos; aquele espírito de mansidão com que se compadeciam das alheias misérias; aquele espírito de mortificação que os inclinava a viver e morrer numa contínua cruz, a triunfar com alegria entre o fogo da perseguição; aquele espírito de caridade com que correspondiam aos ultrajes com orações e com benefícios; aquele espírito de recolhimento e de retiro que os movia a suspirar pelo deserto e pela solidão? Este é o espírito de Jesus Cristo, que ele mesmo veio em pessoa derramar em todos os seus filhos; este é o que animou todos os santos, e este o que caracteriza e distingue seus verdadeiros discípulos. Mas é este nosso espírito? Reina hoje em todas as condições, em todas as comunidades, em todas as famílias? Não declamo agora em tom plangente e lastimoso; não me valho de exclamações, de ais nem de gemidos estudados; proponho única e precisamente umas reflexões simples e naturais, que por si mesmas se representam à razão e que a conduta geral dos homens nos põe cada dia diante dos olhos. Diga-se a verdade: consideram-se estas máximas do Apóstolo como princípios sobre os quais se há de fundar toda a cristã filosofia? Mas, se não se segue esta doutrina, não nos dirão as gentes do mundo: em que escola aprendestes umas máximas tão contrárias às de Jesus Cristo, tão opostas ao Evangelho, tão repugnantes ao espírito de nossa religião? Em ponto de filosofia evangélica pensa-se hoje no mundo como pensavam os primitivos cristãos? E ainda aquelas pessoas que por profissão estão consagradas a Deus, não degeneraram do primitivo espírito de seu instituto? Ficam precisamente entre as gentes do mundo

a indevoção, os abusos e o relaxamento? Mas ao fim é certo que o Evangelho não envelheceu; os mandamentos da lei conservam-se em seu primeiro vigor; os exemplos dos santos são nossos modelos, e tanto o são hoje como sempre. Todo o mundo vê a desproporção e a pouca semelhança que há entre os cristãos de nossos dias e os dos primeiros séculos; com tudo isso a regra não se mudou; Jesus Cristo nem dispensou, nem mitigou o rigor de sua lei, nem a santidade de sua doutrina; pois qual será nossa sorte?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 20 de São Mateus.

Mateus 20,20-23

> **Latim:** 20 Tunc accessit ad eum mater filiorum Zebedæi cum filiis suis, adorans et petens aliquid ab eo. 21 Qui dixit ei : Quid vis ? Ait illi : Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, et unus ad sinistram in regno tuo. 22 Respondens autem Jesus, dixit : Nescitis quid petatis. Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum ? Dicunt ei : Possumus. 23 Ait illis : Calicem quidem meum bibetis : sedere autem ad dexteram meam vel sinistram non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.

Português: 20 Então se chegou a elle a mãe dos filhos de Zebedeo com seus filhos, adorando-o, e pedindo-lhe alguma cousa. 21 Elle lhe disse: Que queres? Respondeu ella: Dize que estes meus dous filhos se assentem no teu reino, hum á tua direita, e outro á tua esquerda. 22 E respondendo Jesus, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o calis, que eu hei de beber? Disserão-lhe elles: Podemos. 23 Elle lhes disse: He verdade que vós haveis de beber o meu calis: mas pelo que toca a terdes assento á minha mão direita, ou á esquerda, não me pertence a mim o dar-vo-lo, mas isso he para aquelles, para quem está preparado por meu Pai.

Meditação

Dos desejos

Primeiro ponto

Considera que toda a felicidade da outra vida consiste em cumprir todos os nossos desejos, e toda a felicidade desta, em mortificá-los e aniquilá-los. Quer dizer que, para ser ditoso neste mundo, é

preciso não desejar coisa alguma dele. Nossos desejos são nossos maiores tiranos.

Crescem os desejos à medida que se cumprem. O mesmo é entrar em posse do que se deseja que começar a desejar outra coisa; de sorte que a posse os fomenta e não os satisfaz. Deseja o coração aquele cargo, aquele emprego, aquele feliz sucesso; porque, alucinado pelos sentidos e enganado pela falsa opinião dos homens, julga que, logrado o sucesso e conseguido o cargo, ficará satisfeito. Conseguiu-o; mas, achando por experiência que aquilo só foi lançar uma gota de água num forno aceso, põe a mira em outros objetos que se lhe representam como bens capazes de apagar-lhe a sede. Logrou-os, e fica mais sedento do que estava antes. Não há bem criado que não deixe na alma um grande vazio. Os desejos são inimigos irreconciliáveis de nossa quietude. Com razão se diz que o desejo é um martírio. São nossos desejos como acessões e crescimentos de febre causados por alguma paixão; que muito que nos atormentem? A ambição, a cólera, a cobiça, a luxúria e a avareza são como diferentes espécies de hidropisia; quanto mais se bebe, mais sede se padece. Nossos desejos são os que consomem e gastam a saúde com os cuidados que engendram, com as fadigas que causam, com os enfados que trazem e com os gastos que ocasionam, fazendo despender muito para conseguir nada. Bom Deus, que ditosos seríamos todos se em nossa condição, em nosso estado, em nossa obscuridade ou em nossa mediocridade de fortuna se apagassem nossos desejos! Se examinamos a causa de nossas inquietudes e se buscamos a origem de nossos dissabores, não acharemos outra. O homem verdadeiramente ditoso neste mundo é aquele que nada deseja; cegue-se este manancial envenenado, e logo gozaremos um grande sossego e uma doce tranquilidade; porque, elevando-se a alma sobre os bens criados, achará em Deus tudo o que pode desejar. Tanta verdade é que só Deus pode encher nosso coração, só ele pode contentá-lo, só ele pode satisfazê-lo; seja só Deus o objeto de todos os nossos desejos, e desde logo seremos ditosos e felizes.

Segundo ponto

Considera que, sendo os desejos inimigos de nossa quietude, fazemos muito mal em não cortar-lhes a raiz, convencendo-nos da vaidade de seu objeto e ocupando o coração em outros bens mais sólidos. Discorramos por todos os estados da vida; fixemos a atenção em todos os bens criados; nada acharemos que baste a encher e satisfazer nossa alma. Salomão fez uma triste experiência desta verdade. Nada negou a seus sentidos; derramado seu coração em todo gênero de desejos, todos os satisfez; mas os contentou por isso? *Vaidade de vaidades, e tudo vaidade*, exclamou desenganado. Vasta capacidade, grandes alcances, abundância de bens, honras, dignidades, distinções, grande fama, sabedoria humana, tudo é vaidade; só Deus pode encher este coração; só Deus o pode satisfazer; só Deus pode fazer que esteja contente e tranquilo. Para que desejar outra coisa que a só Deus? Só o desejar este infinito bem é um bem inestimável; ele tranquiliza a alma, e ele lhe dá a gostar aquilo mesmo que deseja. Ama-se a Deus desde o mesmo instante em que se tem verdadeiro desejo de amá-lo. Com respeito aos bens criados, o primeiro trabalho do homem que os deseja é o desejo mesmo. Com respeito ao soberano bem, que é Deus só, o verdadeiro desejo de possuí-lo é de certa maneira como ato e princípio de posse. Há porventura algum trabalho em desejar amar, servir e possuir a Deus? Para ser feliz nesta vida é indispensável que Deus nos seja tudo em todas as coisas, como nos será na outra. Os bens desta vida desejam-se com ardor e possuem-se sem gosto. A posse de Deus é inseparável de uma alegria e de um gosto

que é novo cada dia e cada instante. O motivo por que nunca vivemos contentes na terra é porque não se faz reflexão ao que se tem, mas ao que não se tem. Só Deus, o qual só é todos os bens, o único bem e o soberano bem do homem, não deixa lugar a outros desejos. Um só desejo basta para excitar, irritar e acender todas as paixões; pelo contrário, o desejo do sumo bem sufoca todas estas feras. Por isso sempre foi, e sempre será verdade, que não pode haver no mundo homem verdadeiramente feliz senão aquele que deseja a só Deus.

Divino Salvador meu, quando há de chegar o caso de que eu faça esta ditosa experiência? Meus desejos são meus tiranos e, longe de livrar-me de sua malignidade, só tenho procurado sujeitar-me mais e mais a seu jugo e tirania. Dignai-vos, Senhor, tirar-me desta escravidão; não, Deus meu, desde hoje nada quero desejar senão a só vós.

Jaculatórias

> *Quid mihi est in cælo? et a te quid volui super terram?* Sl 72.

Que tenho eu que desejar, Deus meu, fora de vós, no céu e na terra?

> *Omne desiderium averte a me.* Eclo 23.

Afastai, Senhor, de meu coração todo desejo das coisas criadas.

Propósitos

1. Convém desejar poucas coisas na terra, dizia São Francisco de Sales, e convém desejá-las pouco. Quanto mais há que desejar, mais há que temer nesta vida, e por isso ninguém pode ser nela feliz; na medida dos desejos são os temores; quanto mais se deseja, mais se teme. Se queres ser ditoso neste mundo, nada desejes que tu possas perder ou que te possa perder a ti. Dirijam-se a Deus todos os teus desejos: este é o único objeto que os pode satisfazer; está sempre de sentinela contra estes inimigos de tua quietude, afoga-os logo que nasçam; e, se burlarem tua vigilância, deixa-os apagar por falta de isca. A alma entregue a seus desejos é muito digna de compaixão; se os queres contentar, te dessecarão à força de cuidados e de desgostos.

2. No caso de que não possas cegar o manancial de teus desejos, evita ao menos que se derramem e se estendam; modera sua vivacidade e desconfia da falsa brilhantez com que se representam seus objetos. É grande meio para afogar os desejos logo que nascem o não querer senão aquilo que Deus quer. Seja a vontade de Deus a regra e a medida de teus desejos, e logo os verás todos sufocados. Persuade-te de que os desejos sempre são efeitos naturais das paixões; e

desditoso daquele que se faz escravo deles. Não é meio menos eficaz para refreá-los o pensamento da morte; o que esta faz com eles, faz também sua memória pouco mais ou menos. Os mais vivos desejos se debilitam com as forças e se acabam quando se acaba a vida. Com que olhos se olham na hora da morte esses fantasmões de grandeza, de felicidade e de fortuna? Então só Deus acende todos os desejos da alma. A mesma virtude tem em vida a memória da morte; todos os desejos se estilhaçam contra a sepultura; nenhum subsiste até mais além da vida, e nem ainda duram tanto como ela; basta a menor enfermidade para embotar todos os seus gumes. Mas, valha a verdade, ainda que nossos desejos não nos ocasionassem tantos desgostos, ainda que não encontrassem tantos tropeços, mereceriam o trabalho que custa o satisfazê-los? Ah, e que bom é viver e morrer com só o desejo de amar e de possuir a Deus!

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:42 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:42 by Admin